



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

[Digite texto]

## **Religião na política: esfera pública, televisão e controvérsias**

Leonardo Siqueira Antonio

Universidade Federal de São Paulo (Unifesp)

lleeoooo@gmail.com

### **Introdução**

A relação entre os meios de comunicação de massa e a religião é um fenômeno relativamente recente, haja vista que somente a partir da década de 1950 denominações religiosas passaram a estar presentes de modo extensivo nos meios de comunicação no Brasil (Mariano, 1999). Desde então, o fenômeno vem ganhando espaço, expressão e visibilidade cada vez maior na televisão brasileira, haja visto, a quantidade e variedade da programação, sobretudo evangélica de cunho pentecostal, em quase todos os canais abertos, e os pastores-comunicadores são os personagens campeões de aparições com mais de 100 horas semanais de exposição, como são o casos de R. R. Soares, da Igreja Internacional da Graça de Deus, e Valdemiro Santiago de Oliveiras, da Igreja Mundial do Poder de Deus.

Instituições religiosas possuem verdadeiros impérios mediáticos, como é o caso exemplar da Igreja Universal do Reino de Deus (Igreja *Universal*). A emissora de televisão, a Rede Record, pertenceu ao Grupo Silvio Santos e a Paulo Machado de Carvalho até o dia 09 de novembro de 1989, quando a *Universal* anunciou sua compra por meio de um processo que somente se finalizaria em 1991, resultando num grande passo para se tornar uma das maiores emissoras de televisão do país. Tal instituição religiosa, já era possuidora de duas pequenas emissoras, a rede Família e a rede Mulher.

Em pouco tempo a *Universal* demonstrou grande capacidade de expansão da rede televisiva. Em 1989, a *Record* estava com déficit e demandou da *Universal* 45 milhões de dólares. Cerca de dez anos depois o faturamento da *Record* ultrapassava os



[Digite texto]

300 milhões de dólares e o sinal da emissora cobria todo o território nacional (Fonseca, 2003).

Para exemplificar a dimensão do complexo comunicativo construído após a compra da Record, consideremos alguns dados, em 2002<sup>1</sup>, somente no Brasil, a *Universal* possuía 62 emissoras de rádio e contava com 63 emissoras de televisão ligadas à *Record*, que é a terceira em audiência no país<sup>2</sup>; dessas 63 emissoras de televisão, 21 são de propriedade da *Universal* (Fonseca, 2003). Em 2008 a *Record* expandiu-se para os canais fechados de TV a cabo com a Record News, que é um canal de notícia 24h por dia.

A Igreja Universal é apenas um exemplo paradigmático da extensão da presença de instituições religiosas nos meios de comunicação, que permite dar visibilidade para o fenômeno. É a partir da problematização dessa relação entre entidades religiosas e televisão que este texto traça dois objetivos: o primeiro, refletir sobre os limites e possibilidades do lugar analítico conferido ao *religioso* como espaço autônomo e diferenciado dos demais e aprofundar uma discussão sobre o papel dos meios de comunicação na esfera pública; e o segundo, construir uma proposta de pesquisa através das análises das controvérsias em um estudo de caso, o programa *Fala que eu te escuto* da Igreja Universal.

O primeiro tem a pretensão de deslocar a análise dos fenômenos religiosos compreendidos *per se* para um entendimento de processos mais amplos, dinâmicos e relacionais, e discutir e qualificar o papel “hegemônico” da televisão na esfera pública. O segundo, caracterizar o instrumental teórico e esboçar sua eficiência na análise do objeto.

Para tais empreendimentos procederemos da seguinte forma: analisaremos como a literatura sócio-antropológica aborda o fenômeno da relação entre meios de comunicação e instituições religiosas. Em seguida, como a crítica a uma determinada concepção normativa da noção weberiana de *secularização* emerge uma proposta

---

<sup>1</sup> Dados do Instituto de Pesquisas em Comunicação, somente no Brasil, 2003.

<sup>2</sup> Em alguns horários, é a segunda em audiência (Folha de São Paulo, 01/03/2007).



[Digite texto]

analítica que não separa necessariamente a esfera religiosa das demais. No próximo passo, refletiremos sobre uma proposta de sistematização do debate sobre esfera pública e os meios de comunicação. E por fim, apresentaremos uma proposta de conceitualização de *controvérsias* no contexto da esfera pública.

### **As abordagens sobre o fenômeno**

A partir da análise da bibliografia propomos uma sistematização sobre a relação entre meios de comunicação e religião. A literatura sócio-antropológica aborda o fenômeno das denominações religiosas e televisão, geralmente, de duas formas: na primeira o espaço público é análogo a um lugar físico e geográfico e a televisão é um meio de visibilidade da atuação religiosa neste espaço; na segunda o campo religioso é análogo ao mercado, no qual as igrejas *vendem* produtos simbólicos da salvação em concorrência umas com as outras, sendo a televisão o meio privilegiado de divulgação destes produtos.

Como exemplo do primeiro caso, a apropriação do espaço público pela Igreja Universal do Reino de Deus (IURD), Patrícia Birman (2003) constata um conjunto de atividades ao mesmo tempo políticas e religiosas e, também, indissociáveis dos meios de comunicação, das quais destaca a promoção de rituais religiosos no espaço público, aqui entendido como lugar físico, p.e., estádios de futebol, avenidas, etc.

O *espetáculo* em lugares públicos, ou seja a performatização dos atores, *políticos-religiosos*, é o eixo central da observação, percebendo-se, ainda, que a proliferação deste tipo de apropriação do espaço público pela Igreja Universal ultrapassa as fronteiras do lugar físico dos estádios e avenidas para chegar à política parlamentar (Birman, 2003).

Contudo, entendemos que esta noção de o público como local do espetáculo limita a compreensão da relação entre espaço público e religião, tanto pela inclusão



[Digite texto]

passiva dos frequentadores dos rituais públicos no *espetáculo*, desconsiderando a positividade ou papel ativo dos fiéis, como pela analogia do espaço público ao espaço físico, reduzindo a televisão a meio de visibilidade, meramente.

Mas o fato é que os meios de comunicação ganharam enorme relevância para os estudos acadêmicos, em primeiro lugar, porque são instrumentos de comunicação por excelência e, portanto, peça chave na construção da esfera pública; em segundo lugar, porque as denominações religiosas, sobretudo as protestantes, usam cada vez mais estes meios para comunicação e expansão.

Da expansão dos meios de comunicação no Brasil, desde meados da década de 1950, o rádio tornou-se um potencial difusor de pregação religiosa, sendo utilizado por denominações *pentecostais*, principalmente (Mariano, 1999). Atualmente, a mídia é utilizada de forma extensiva por diversas denominações religiosas. Se inicialmente o rádio se constituía num meio eficaz da pregação religiosa, a partir dos anos iniciais da década 1990 a televisão ou o *televangelismo* tornou-se o meio preferencial

Algumas denominações evangélicas possuem vasta rede midiática, como é o caso exemplar da Igreja Universal do Reino de Deus (*Universal*), cujos aportes midiáticos, crescimento e propagação resultam em questões de discussão para autores como Fonseca (2003) e Oro (1990), os quais abordam o crescimento construindo analiticamente o *campo religioso* como expressões de relações e seu funcionamento como uma metáfora do mercado. Por conseguinte, na análise dos autores, os *fiéis* seriam consumidores passivos de bens simbólicos e as *igrejas*, em concorrência, ofereceriam *produtos de salvação*; a televisão sobressai-se tanto como um potente instrumento de imposição de significado, como um meio extraordinário de visibilidade.

Pelo uso intensivo da televisão, Oro (1990) qualifica a *Universal* como uma *igreja eletrônica*, definindo-a como uma agência ou empresa de cura divina que oferece serviços e bens simbólicos em troca da participação financeira. Fonseca (2003) analisa o papel dos programas televisivos da *Universal*, a partir de entrevistas fechadas realizadas com frequentadores da *Universal*, na Região Metropolitana do Rio de Janeiro, para saber se a televisão contribui à adesão religiosa, captando novos *fiéis*, ou se apenas



[Digite texto]

confirma a adesão dos convertidos, contribuindo para a fidelização dos frequentadores. Mas o autor identificou que a maioria das pessoas entrevistadas não se converteu por causa da televisão, apesar de acompanhar de forma sistemática a grade da programação. Assim, concluiu que a televisão é um objeto estratégico central para transformar a religião em mercadoria na nossa sociedade, pela expansão da esfera privada, local da religião, sobre a esfera pública, lugar dos meios de comunicação de massa.

Os dois autores utilizam uma noção de *campo religioso* na qual é clara a inspiração de uma sociologia da religião que aborda o fenômeno religioso desassociado de outras dinâmicas sociais, como o político. Para uma compreensão relacional, ou seja, contemplar em um mesmo espaço analítico o religioso e outros processos, propomos uma problematização da noção weberiana de *secularização* que toma o fenômeno como um dado a priori e auto-evidente.

### **A esfera pública e seus processos**

O postulado weberiano de *secularização* aponta para o processo sociológico (a reforma protestante) e político (a emergência dos Estados modernos) de diferenciação das esferas político, econômica, científica em relação à esfera religiosa.

Embora o processo de modernização tenha causado a separação jurídica entre Estado e Igreja, Casanova (1994) critica a normatividade do paradigma weberiano, porque os efeitos da *secularização* são conhecidos de antemão, e, como argumenta Montero (2006, p.3) “embora a diferenciação das esferas sociais constitua uma dimensão fundamental da ordem social moderna, esta não pode ser reduzida em uma simples retração do religioso, pois ela é um dos elementos de um processo histórico mais amplo”.

Habermas (2003) apresenta uma proposta analítica em que é possível pensarmos a diferenciação das esferas prescindindo do paradigma da *secularização*, ou seja, o autor distingue esfera pública do Estado da esfera privada da sociedade (a partir do século XVII surge outra esfera distinta, a esfera pública burguesa ou sociedade civil).



[Digite texto]

Desta proposta de distinção das esferas, a noção de esfera pública passou por um intenso debate, no qual se destaca a proposta de Sergio Costa (2002), que pretende a sistematização dos diferentes modelos analíticos de esfera pública em que o ponto central para a diferenciação não seja concepções teóricas totalmente antagônicas, mas o papel conferido aos meios de comunicação, que poderia ser investigado por meio da análise de dois modelos de esfera pública: *a esfera pública como mercado* e *o mérito discursivo da esfera pública*.

O modelo da *esfera pública como mercado* é caracterizado tanto pela centralidade conferida aos meios de comunicação de massa, como pelo seu papel hegemônico na esfera pública. Desta hegemonia, o *público* seria um mero destinatário passivo das mensagens, as quais seriam transmitidas por meio da espetacularização e da estetização das imagens, ao invés de serem transmitidas pela forma e pelo conteúdo argumentativo; assim, o *publicitário* teria substituído o *público*, gerando uma impossibilidade factual de entendimento comunicativo dentro da esfera pública, por conseguinte, as esferas são reduzidas a disputas e manipulações dos recursos comunicativos disponíveis.

O modelo do *mérito discursivo da esfera pública* diferencia-se tanto pela consideração de todas as instâncias constitutivas da esfera pública (mídia, organizações da sociedade civil, espaços de comunicação interpessoal etc.), como pela aceitabilidade de entendimento comunicativo; compreende-se que a força homogenizadora dos meios de comunicação não contempla todo o *volume* da esfera pública, porque persiste tanto um leque diversificado de estruturas comunicativas, como uma gama correspondente de processos sociais.

Para a compreensão do *modelo do mérito discursivo da esfera pública*, Sergio Costa (2002), sustentando-se nos argumentos de Jean Cohen<sup>3</sup> e Andrew Arato<sup>4</sup>, problematiza dois planos de questões importantes à noção de *esfera pública*:

---

<sup>3</sup> Professor de Ciência Política da Universidade de Columbia.

<sup>4</sup> Professor de política e teoria social do departamento de sociologia da New School for Social Research



[Digite texto]

- 1) combate ao entendimento da esfera pública como um todo sistêmico que compreende os cidadãos como uma massa de indivíduos atomizados e despolitizados, como meros receptores das questões tratadas publicamente;
- 2) interpretação de que a mercantilização da comunicação social teria destruído as interfaces entre a sociedade civil e o Estado, pois este processo possibilitou a desprovincialização e, conseqüentemente, tanto a expansão e criação de “novos públicos”, como a utilização de formas críticas dos recursos comunicativos.

Converge para esta concepção de esfera pública a revisão analítica de Habermas realizado no prefácio à reedição de *Mudança estrutural da esfera pública*, publicado em 1990, no qual Sergio Costa (2002) destaca três questões importantes: a preservação das diferenças internas e da pluralidade da esfera pública (apesar da pressão homogenizadora da mídia); o fato de a *opinião pública* não migrar imediatamente para o sistema político institucional, mas para o processo comunicativo de formação de opinião e da vontade coletiva na esfera pública; a ambivalência constitutiva da esfera pública, de um lado os fluxos comunicativos gestados em relações voltadas para o entendimento e, de outro, a utilização dos meios de comunicação para a produção de lealdade política e preferências de consumo.

Esta concepção de esfera pública não é organizada em um sistema fechado e nem em um conjunto de relações ordenado, porque:

é porosa e ubíqua, perpassando todos os níveis da sociedade e incorporando todos os discursos, visões de mundo e interpretações que adquirem visibilidade e expressão pública”, na qual “os diferentes grupos constitutivos de uma sociedade múltipla e diversa partilham argumentos, formulam consensos e constroem problema e soluções comuns. (Costa, 2002, p. 27)

Trata-se de uma concepção eminentemente comunicativa que nos permite colocar no mesmo espaço de relações discursivas o *público* e o *religioso*; portanto; se



[Digite texto]

*argumentos religiosos* e *argumentos racionais* coexistem na esfera pública e se, de acordo com Habermas (2007), as religiões não traduzem necessariamente seus argumentos religiosos em argumentos políticos para opinar publicamente, propomos uma *etnografia das controvérsias* para analisar o *religioso* por meio de análise sistemática dos *discursos religiosos*, dos contextos discursivos e da produção de sentidos de categorias que estão em circulação na esfera pública.

### **O programa controverso ou das controvérsias**

A partir de um diálogo teórico com Jürgen Habermas, sugerimos analisar um programa televisivo, o *Fala que eu te escuto*. Este programa apresenta características que elucidam questões à abordagem proposta. Antes de entrar na descrição do programa, procuraremos situar o lugar “das controvérsias” na esfera pública e suas características. Para em seguida, apresentarmos as características do programa e suas relações com as controvérsias.

Com o objetivo de localizar na teoria de Habermas a noção de controvérsia, utilizaremos a tese de doutoramento de Scheliga (2010) para expor dois argumentos: o primeiro, que as controvérsias são intrínsecas a esfera pública, ou seja, é parte constitutiva da mesma; e segundo, há processos de descentramento dos discursos para potencialização dos argumentos, tornado, o discurso, cada vez mais abstrato esvaziando o sentido das experiências particulares.

Segundo Scheliga (2010), no contexto da esfera pública, nós trocamos razões e argumentos nos discursos a fim de examinar pretensões de validade que se tornam problemáticas. E esses discursos têm por função expor a coação não coativa do melhor argumento. O pressuposto de que as interações sociais são orientadas para o entendimento, não implica na produção de diálogos harmoniosos e sem atrito, mas requer acordos provisórios acerca de sentidos das coisas a partir do reconhecimento dos *melhores argumentos*. Se as interações sócio-discursivas na esfera pública são disputas, ou mesmo, embates, pelo convencimento através do melhor argumento, podemos inferir



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

[Digite texto]

que as controvérsias são-lhe partes constitutivas. Nesta esfera comunicativa o que é visível são controvérsias, e é perpassando por elas que ocorrem as interações sócio-discursivas.

Por esta natureza discursiva, Scheliga (2010), aponta para outro argumento acerca das controvérsias. Este entendimento sobre elas permite Habermas generalizar a afirmação de que as controvérsias relacionam-se diretamente a regimes de verdade. Nesta perspectiva, as controvérsias assumem um lugar estratégico em sua teoria, pois permite analisar aquilo que Habermas chama de descentramento das perspectivas interpretações, discursos com níveis de abstrações maiores se distanciam das experiências particulares e são tomados como válidos por um número cada vez maiores de atores.

Parte-se da premissa que os atores em relação, ao disputarem uma controvérsia, no início se reportam quase que exclusivamente aos seus próprios repertórios e amparam-se em experiências próximas para constituir os argumentos e contra-argumentos lançados no debate. O prosseguimento ou não da controvérsia está diretamente relacionado à capacidade destes atores em se reportarem a situações cada vez mais gerais, distanciando-se progressivamente das experiências particulares e constituindo, portanto, discursos. À medida que esses discursos se tornam mais abstratos e gerais – no sentido de serem tomados como válidos para um número cada vez maiores de atores e ou aplicáveis para um vasto número de situações – tendem a se constituir como “discursos práticos”, fortemente associados à regulação do social através da Moral e do Direito. (Scheliga, 2010)

O programa *Fala que eu te escuto* é um objeto privilegiado para analisar a atuação da Igreja Universal a partir dos argumentos apresentados acima. O *Fala que eu te escuto* marca a atuação expressiva da *Universal* na televisão, e, ao mesmo tempo, representa uma exceção à tônica da programação evangélica, porque, apesar de ser conduzido por um *pastor* da IURD, o caráter *religioso* não se deixa transparecer nitidamente ao telespectador.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

[Digite texto]

Este programa é exibido pela emissora de televisão brasileira de propriedade da *Universal*, a Rede Record, de segunda a sexta-feira a partir da uma hora da manhã. Ao telespectador pode parecer um programa como outro qualquer, apesar de o apresentador ser um *pastor* da *Universal*, porque não apresenta nenhum símbolo, sigla ou ilustração *religiosa*. No cenário de fundo azul com um globo terrestre tem no centro um púlpito e uma televisão LCD. A linguagem é predominantemente *jornalística*, porque na maior parte do programa recorre ao material do setor de jornalismo da própria Rede Record. O tratamento entre telespectador e o *pastor* é feito pela identificação profissional, p.e., Sr. R. advogado, dentista, enfermeiro (termos como *irmão e/ou fiel* não são utilizados).

O programa pretende debater temas polêmicos por meio da interatividade com os telespectadores por telefone ou pela internet. Os temas são variados, mas alguns são recorrentes no programa pela repercussão na mídia. A *violência*, p.e., foi um tema recorrente em 2008 em virtude a atenção midiática a determinados crimes. O *Fala que te escuto* exibido em 09/04/2008, p.e., apresentou uma série de reportagens sobre violência praticada contra crianças, notadamente, Isabella Nardone, João Helio, Madeleine<sup>5</sup>.

Os respectivos crimes foram reconstituídos a partir de matérias jornalísticas da própria *Record*, e, de forma independente um dos outros, ou seja, primeiro um caso depois o outro; juntos a exibição durou cerca de vinte e cinco minutos. Na parte inferior da tela estava escrito: “crimes contra crianças que comoveram a sociedade: para evitá-los é preciso *educação de base, controle de natalidade* ou *punição severa*?”. Das reportagens jornalísticas, são mostrados em sequência um do outro diferentes discursos sobre violência provenientes de personagens da esfera pública, como delegados de polícia, promotores públicos, religiosos engajados contra violência infantil, e membros de Organizações Não Governamentais (ONGs), etc.

---

<sup>5</sup> Em 29/03/2008 Isabella Nardone foi morta ao ser arremessada do nono andar de um apartamento no bairro do Tucuruvi (SP); em 07/02/2007 João Helio (6) morreu ao ser arrastado por um carro durante um assalto (RJ); em 03/05/2007 a inglesa Medeleine MacCan (4) desapareceu em um hotel em Portugal.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

[Digite texto]

Naquele dia o programa foi apresentado pelo *bispo* Adilson Silva; os telespectadores interagiram ao vivo, por telefone, falando diretamente com o *pastor-apresentador* ou pela internet, optando por uma das três *soluções* apresentadas pelo programa (indicadas na parte inferior da tela). Seis opiniões de telespectadores foram ouvidas no total, sendo que a cada duas opiniões mais reportagens sobre violência eram vinculadas. Das seis pessoas que participaram, três identificaram-se como advogados, um como sociólogo e duas como donas de casa; as pessoas eram provenientes de diferentes estados (Rio de Janeiro, Mato Grosso, São Paulo, Bahia e Brasília).

Nesse programa oração final foi precedida pelo argumento do *bispo-apresentador* a favor do *controle de natalidade* e da apresentação do resultado da enquete, da qual a maior parte dos telespectadores votou na opção *punição severa* como a *solução* para evitar os crimes contra as crianças.

As características observadas no *Fale que eu te escuto* foram determinantes na escolha deste programa de televisão como o objeto empírico deste estudo, ou seja, um religioso, o *bispo-apresentador*, debatendo com os telespectadores temas polêmicos da sociedade, a exemplo da violência, de modo interativo.

Por suas características interativas, podemos sugerir que as grades de contextos comunicativos são geradas para fatos cotidianos visando à produção de posicionamentos na esfera do processo de produção de sentidos e significados de categorias de uma determinada grade contextual;

A formulação de que a argumentação na esfera pública se constitui de modo a tornar cada vez mais abstratas e generalizáveis as experiências particulares, atores, religiosos ou não, que não conseguem converter experiências vividas singulares em argumentos abstratos e aderentes, em maior ou menor grau, a estes discursos práticos têm, nesta perspectiva, menores condições de constituir um posicionamento discursivo na esfera pública.



[Digite texto]

## **Bibliografia**

BIRMAN, Patrícia. Imagens religiosas e projetos para o futuro. In: BIRMAN, Patrícia (Org.). *Religião e espaço público*. Rio de Janeiro : Attar, 2003. p. 235-255.

CASANOVA, José. *Public Religions in the Modern World*. Chicago : Chicago University Press, 1994.

COSTA, Sergio. *As Cores de Ercília : esfera pública, democracia, configurações pós-nacionais*. Belo Horizonte : UFMG, 2002.

FONSECA, Alexandre Brasil. *Igreja Universal: um império midiático*. In: CORTEN, André, DOZON, Jean-Pierre, ORO, Ari Pedro (Orgs.). *Igreja Universal do Reino de Deus : os novos conquistadores da fé*. São Paulo : Paulinas, 2003.

HABERMAS, Jürgen. *Entre Naturalismo e Religião: estudos filosóficos*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2007.

\_\_\_\_\_, Jürgen. *Mudança estrutural na esfera pública*. Rio de Janeiro : Tempo Brasileiro, 2003.

\_\_\_\_\_, Jürgen. *O Discurso Filosófico da Modernidade*. São Paulo : Martin Fontes, 2000.

MARIANO, Ricardo. *Neopentecostais : sociologia do novo pentecostalismo no Brasil*. São Paulo : Edições Loyola, 1999.

MONTERO, Paula. *Max Weber e os dilemas da secularização*. *Novos Estudos Cebrap*, São Paulo, n. 65, p. 34-44, 2003.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

[Digite texto]

MONTERO, Paula. Religião, pluralismo e esfera pública no Brasil. *Novos Estudos Cebrap*, São Paulo, n. 74, p. 47-65, 2006.

MONTERO, Paula. Religiões e dilemas da sociedade brasileira. In: *O que ler na ciência social brasileira (1970-1995)*. São Paulo : Sumaré; ANPOCS, 1999. (V. I: Antropologia).

SCHELIGA, Eva Lenita. *Educando sentidos, orientando uma práxis: etnografia das práticas assistências de evangélicos brasileiro*. Tese (Doutorado em Antropologia Social), USP, São Paulo, 2010.